

GRILLOTTI DI GIACOMO, M. G. **Nutrir o homem, vestir o planeta:** Alimentação-Agricultura-Ambiente entre imperialismo e cosmopolitismo. Milão: Franco Angeli, 2012.<sup>12</sup>

Loredana Mastroberardino<sup>3</sup>

Nutrir bem o homem é vestir o planeta com formas mais respeitadas de exploração do ambiente natural e mais próximas às culturas alimentares tradicionais das comunidades locais, de acordo com Maria Gemma Grillotti Di Giacomo, responsável científica pelas temáticas ligadas à alimentação no mundo da Università Campus Bio-Medico di Roma, autora deste texto efetivamente original que nos leva à reflexão interdisciplinar sobre a relação Alimentação-Agricultura-Ambiente e indica soluções possíveis, capazes de serem seguidas graças ao rigoroso percurso metodológico, proposto como instrumento para sucessivas pesquisas e válido suporte à didática universitária. O volume se articula em dez capítulos complementados por um útil conjunto iconográfico disponível também na biblioteca multimídia do site <[www.francoangeli.it](http://www.francoangeli.it)>.

A obra foi apresentada em 22 de fevereiro de 2013 no Ethiopia Room da FAO de Roma, onde entrevistaram o Embaixador da Itália junto à FAO Gianni Ghisi, o Magnífico Reitor da Università degli Studi "Roma Tre" Guido Fabiani, o Presidente da Università Campus Bio-Medico di Roma Paolo Arullani, o Chefe de Gabinete do MIPAAF<sup>4</sup> Michele Corradino, o *Country Relations Manager International of Relations Department* – Expo 2015 Company<sup>5</sup> Filippo Ciantia, o Diretor do Centro Integrado de Pesquisa da Università Campus Bio-Medico di Roma Alessandro Finazzi Agrò, o *Chief, Research and*

---

<sup>1</sup> Tradução Valéria de Marcos – Depto de Geografia FFLCH USP – demarcos.vale@usp.br

<sup>2</sup> Título original: GRILLOTTI DI GIACOMO, M. G. **Nutrire l'uomo, vestire il pianeta:** Alimentazione-Agricultura-Ambiente tra imperialismo e cosmopolitismo. Milano: Franco Angeli, 2012. A resenha foi publicada em italiano pela revista **Economia & Diritto Agroalimentare**, Firenze University Press, 2013 (Confederazione Italiana Agricoltori).

<sup>3</sup> Università Campus Bio-Medico di Roma – Roma/Itália  
lmastroberardino@libero.it

<sup>4</sup> Ministério para Políticas Agrícolas e Florestais.

<sup>5</sup> Exposição Universal 2015, também conhecida como Expo Milão 2015.

**GRILLOTTI DI GIACOMO, M. G. Nutrir o homem, vestir o planeta: Alimentação-Agricultura-Ambiente entre imperialismo e cosmopolitismo. Milão: Franco Angeli, 2012, pp. 229-235.**

---

*Extension Branch* – FAO Andrea Sonnino e o Diretor de Relações Externas e Institucionais Ferrero Pier Maria Brunetti.

Notável foi a presença de um público composto por docentes universitários de diversas áreas disciplinares, representantes institucionais especializados em temáticas ambientais e alimentares, estudantes universitários dos cursos de Graduação em Ciência da Alimentação e da Nutrição Humana (Sanu<sup>6</sup>) e Ciência da Alimentação e da Nutrição Humana no Mundo (Sanum<sup>7</sup>) da Università Campus Bio-Medico di Roma e um amplo grupo de estudantes do Instituto Profissional Estatal para Serviços de Enogastronomia e Hotelaria “V. Gioberti” de Roma.

O centro do debate foi a ligação indissociável e complexa que une Alimentação-Agricultura-Ambiente considerados através de uma ótica integrada, não mais setorial, que todavia exalta a diversidade dos casos individuais sempre interpretados em função do nível de equilíbrio que depende das políticas de intervenção e do tipo de exploração dos recursos presentes no território.

A disponibilidade de alimento é sempre e em todo lugar um meio para assegurar sobrevivência, paz e coesão social entre as comunidades humanas; justamente para garantir o abastecimento de alimentos agrícolas o homem aprendeu a cultivar e criar [animais] observando os ritmos sazonais e os ciclos vitais dos recursos naturais (GRILLOTTI, 2012, p. 23).

Partindo desta consideração, o volume se inicia com uma atenta reflexão sobre a relação Alimentação-Agricultura-Ambiente e coloca em confronto duas teses interpretativas: aquela determinista, que nos leva a considerar as escolhas alimentares e agrônômicas dos grupos humanos, fruto das características geomorfológicas, climáticas e pedológicas do ambiente

---

<sup>6</sup> Em italiano, *Scienze dell’Alimentazione e della Nutrizione Umana* (Curso de Graduação de três anos de duração).

<sup>7</sup> Em italiano, *Scienze dell’Alimentazione e della Nutrizione Umana nel Mondo* (Curso de Graduação Magistrale). Trata-se de um curso, complementar ao anterior, de três anos, com duração de dois anos, equivalente a uma especialização. Este formato surgiu após o Acordo de Bolonha de 2001.

físico, de tal modo que o agir humano se torna um produto dos condicionamentos ambientais; e aquela possibilista, que coloca no centro o homem e suas escolhas de intervenção no ambiente para obter o necessário à sua sobrevivência. O saber possibilista aberto ao diverso, às novidades, à descoberta é, por isso mesmo, um saber cosmopolita, que exalta o homem, sua capacidade inovadora e suas potencialidades de intervenção, como fundamento e centro de cada tentativa de interpretação da realidade.

A autora defende a interpretação possibilista da relação Alimentação-Agricultura-Ambiente, afirmando que “é o sujeito homem a servir-se do objeto alimento, e não vice-versa”, portanto, “o homem não é o que come, mas o que decide comer” (GRILLOTTI, 2012, p. 29), não sendo mais consentido delegar responsabilidades pessoais e sociais aos condicionamentos do ambiente natural.

O segundo capítulo se concentra na análise histórica da demografia do globo, na capacidade de povoamento da Terra e nos paradoxos da atual situação agroalimentar: excedentes nas produções e aumento dos preços dos produtos alimentares nos países ocidentais; baixa produtividade e importação de alimentos nas regiões com fortes potencialidades agronômicas; abandono das terras nas faixas colinares e dos sopés de serras e apropriação das terras nos países mais pobres para destiná-las às culturas energéticas (*land grabbing*); problemas e doenças alimentares que aproximam os países ocidentais àqueles em vias de desenvolvimento (obesidade e diabetes). A autora destaca assim “a urgência de potencializar as intervenções de política agrária e de cooperação internacional” (Ibidem, 2012, p. 62), capazes de assegurar uma redistribuição mais igualitária das fontes de sustento não apenas entre os diversos países do mundo, mas também e sobretudo das várias classes sociais e também no seio de cada Estado.

No terceiro capítulo são reconstruídas as etapas históricas da evolução da relação Alimentação-Agricultura-Ambiente não apenas através do tempo, mas também nas diversas regiões do mundo atual e

[...] se descobre como algumas formas de exploração agrícola e de destinação da produção alimentar, típicas de períodos históricos distantes da Idade Contemporânea, sejam ainda presentes em várias partes do planeta Terra como, por

**GRILLOTTI DI GIACOMO, M. G. Nutrir o homem, vestir o planeta: Alimentação-Agricultura-Ambiente entre imperialismo e cosmopolitismo. Milão: Franco Angeli, 2012, pp. 229-235.**

---

exemplo, algumas formas de agricultura de subsistência, cujos produtos são destinados ao autoconsumo ou trocados através de escambo; práticas difusas na Idade Antiga e Medieval e ainda presentes na África, Índia, América do Sul, Filipinas, Ásia Sul-Oriental e Indonésia (GRILLOTTI, 2012, p. 67).

São analisados os diversos tipos de agricultura em relação à destinação do uso dos alimentos produzidos, as formas e funcionalidades da produção e do circuito comercial agroalimentar nos diversos contextos político-sociais presentes no planeta Terra.

A autora coloca em evidência o quanto tem mudado a relação Alimentação-Agricultura-Ambiente em comparação ao passado e alerta para o fato de que

[...] as atuais fórmulas de agricultura multifuncional, a km 0<sup>8</sup>, de condução familiar e das hortas periurbanas, podem desviar a atenção sobre a necessidade que, sobre o planeta Terra, tem sido colocada, nas diversas escalas geográficas, de políticas agrícolas coerentes com as “conquistas” de sabedoria camponesa enraizadas no tempo e aplicáveis em qualquer latitude, para garantir a saúde dos consumidores junto ao desenvolvimento integrado e sustentável do território (GRILLOTTI, 2012, p. 78).

O quarto capítulo é dedicado às políticas agrícolas dos países socialistas e dos países capitalistas convertidos às problemáticas ambientais e territoriais. A nova reforma da PAC [Política Agrícola Comum da União Europeia] (2014-2018) é chamada a estimular sustentabilidade (*greening*) e segurança alimentar, a encurtar as distâncias entre produtores-consumidores, a tutelar o ambiente, a saúde dos agricultores e o bem-estar dos animais. Se de um lado os campos europeus estão sendo cobertos por culturas infestantes para a produção de biomassas, [de outro] espera-se que a nova PAC volte a valorizar a cura dos campos e das belas paisagens rurais

---

<sup>8</sup> Nota da Tradução: Na Itália a expressão km 0 indica que o alimento é produzido e comercializado/consumido localmente e que, portanto, ele não dá a volta ao mundo antes de chegar à mesa do consumidor. Isso reforça a busca de uma agricultura e economia ambientalmente corretas. Com essa perspectiva, existem vários mercados “km 0” espalhados pelos centros italianos mais importantes.

como garantia de produtividade futura e de contraste à insegurança alimentar, à instabilidade hidrogeológica e à desertificação dos solos.

O quinto capítulo trata dos problemas mais polêmicos que têm movimentado a sociedade contemporânea: agricultura *food* e *no food* para a produção de biomassas vegetais destinadas aos agrocombustíveis; má nutrição e mortalidade por fome; segurança e soberania alimentar.

Ao falar em segurança alimentar, a autora faz referência tanto à certeza de abastecimento dos alimentos indispensáveis à sobrevivência de um grupo humano quanto à garantia de qualidade e salubridade dos conteúdos e procedimentos pelos quais foram produzidos, transformados e conservados. Por sua vez, ao falar de soberania alimentar, a autora fala do direito de um povo ao alimento, o qual é normalmente condicionado pela volatilidade dos preços dos produtos agrícolas. Como causas da volatilidade dos alimentos, Grillotti aponta o incentivo às culturas *no food* para produção de biomassas para os agrocombustíveis, as perdas e os desperdícios alimentares e, como consequência, o impedimento aos povos mais pobres de terem acesso a esses alimentos.

Segundo a autora,

[...] da diversa distribuição das produções, dos consumos e dos desperdícios sobre o planeta Terra podem emergir sugestões úteis para aumentar a produtividade e a disponibilidade de alimentos em países em vias de desenvolvimento, mas também preciosos convites a redescobrir nos países ricos a sobriedade dos consumos através do valor do alimento e a sua função vital (GRILLOTTI, 2012, p. 124).

Os recursos do planeta são suficientes para satisfazer às necessidades da população mundial presente e futura e, mesmo assim, existe a má nutrição e a mortalidade por fome devido às escolhas de políticas cegas destinadas somente ao ganho, que têm provocado grandes paradoxos – já evidenciados no segundo capítulo e recuperados no sexto – que deveriam ser eliminados: excedentes nas produções e aumento dos preços dos produtos alimentares; escassa produtividade e importações de alimentos nas regiões com fortes potencialidades agrônômicas; abandono das terras nas faixas colinares e

**GRILLOTTI DI GIACOMO, M. G. Nutrir o homem, vestir o planeta: Alimentação-Agricultura-Ambiente entre imperialismo e cosmopolitismo. Milão: Franco Angeli, 2012, pp. 229-235.**

---

sopés de serras e apropriação das terras nos países pobres (*land grabbing*); produções de culturas energéticas *no food* nos países onde se morre de fome; perdas de biodiversidade e aumento dos cultivos transgênicos.

Cada esforço de cooperação internacional deverá assumir uma ótica integrada e colocar ao centro de todos os interesses a complexa relação Alimentação-Agricultura-Ambiente; somente esta abordagem sistêmica poderá, de maneira definitiva, enfraquecer os fatores de risco e de insegurança que agitam as relações políticas e as relações econômicas e sociais (GRILLOTTI, 2012, p. 139).

No sétimo capítulo é apresentado o percurso de pesquisa, já bem consolidado pelo Grupo de Pesquisa Interuniversitário GECOAGRI-LANDITALY, do qual a autora é Coordenadora Científica Nacional e através do qual é possível interpretar a complexa relação Alimentação-Agricultura-Ambiente. Nenhum aspecto da realidade é deixado de lado: daqueles naturalísticos-ambientais àqueles político-sociais, daqueles econômico-estruturais àqueles histórico-culturais e paisagístico-territoriais. No oitavo e nono capítulos é destacada a importância da paisagem rural como paradigma interpretativo e “expressão encarnada da relação Alimentação-Agricultura-Ambiente” (Ibidem, 2012, p. 169), capaz, com as suas formas, de expressar a relação exclusiva que cada comunidade construiu com o ambiente natural no qual se estabeleceu. Para a autora, a paisagem rural, ao assumir um papel de condutor da economia local, capaz de atrair fluxos turísticos, de tutelar o mercado de produtos típicos e dos alimentos de qualidade, é cada vez mais utilizada para promover e publicizar tipicidades alimentares no mercado internacional. Assim, “[...] a tutela da paisagem coincide com a tutela do agroalimentar porque o que determina a diferença de qualidade do produto agrícola é o território do qual provém” (Ibidem, 2012, p. 215).

A autora considera que foram os agricultores italianos a construir o “*bel paese*” que se orgulha de espaços verdes, parques e campos cuidadosamente cultivados sobre solos íngremes e planos. Para ela,

[...] se no passado a ordem e o belo se contrapunham ao medo da fome e das carestias, hoje [eles] se contrapõem à instabilidade hidrogeológica e à desertificação dos solos, reconfortam do estresse da vida urbana [e] colocam em evidência os princípios éticos sobre os quais a sociedade contemporânea parece querer inspirar-se (GRILLOTTI, 2012, p. 226).

A partir dessas afirmações, no décimo capítulo a autora escreve que

[...] não é equivocado falar de "paisagens de fábulas" porque cada paisagem rural oferece mensagens éticas de audácia e engenhosidade dos camponeses, os quais teceram a milenar relação Alimentação-Agricultura-Ambiente. Na Itália as belas paisagens dos nossos campos têm acompanhado a produção agrícola, estimulando-a a conquistar o setor alimentar em escala planetária: a "cozinha italiana", a "dieta mediterrânea" e os "produtos típicos regionais" se impuseram no mercado internacional pela variedade e qualidade da oferta e, assim, as "paisagens de fábula" se tornaram também "paisagens da *tavola*" (Ibidem, 2012, p. 228).

Agricultura-Alimentação-Ambiente [se torna assim] um trinômio sempre indissociável se se quer pensar em um futuro sustentável, com formas respeitadas de exploração do ambiente natural e próximas às culturas alimentares das comunidades locais.

Somente a centralidade do homem na relação Alimentação-Agricultura-Ambiente saberá dar valor à diversidade e redescobrir a mensagem cosmopolita que o mundo agrícola continua a enviar, abrindo o local à escala planetária e as políticas transnacionais à escala regional.